

O imaginário e o concreto nas Artes Cênicas

Plínio Mósca *

A Faculdade de Artes da Fundação Brasileira de Teatro reiniciará seu semestre letivo na segunda-feira, dia 20 de fevereiro. A Faculdade de Artes, que foi fundada pela grande atriz carioca Dulcina de Moraes, também é chamada de Faculdade da Dulcina ou simplesmente de Dulcina. A faculdade possui os cursos de Bacharelado em Artes Cênicas, Licenciatura Plena em Artes Cênicas, em Plásticas e em Música e a Licenciatura Curta. Conta com aproximadamente 800 alunos e funciona em um prédio próprio, com o Teatro Dulcina inclusive, e em um andar alugado no Edifício Badya Helou.

Esta primeira descrição dá uma certa suavidade no quadro geral, porém nem tudo são rosas. Os professores estão recebendo um dos mais baixos salários pagos a docentes de nível superior do Brasil, NCz\$ 3,02 por hora. Os alunos pagam caro e os professores recebem pouco, velho exemplo do funil da educação privada. Essa crise no Dulcina nos leva a repensar o ensino de arte no Brasil.

Uma escola dramática deve responder às necessidades artísticas de nosso tempo e aprimorar os intérpretes do futuro no seu sentido mais amplo. Temos que levar em conta que não podemos fazer um ator a partir de não importa que pessoa. Essa história de que todo mundo pode ser ator me parece ser um discurso muito *hippie*. Aliás, Jacques Rosner, do Conservatório de Teatro de Paris, já disse certa vez que é próprio de um criador de arte seguir sua criatividade; é como se ele tivesse que carregar seu próprio gênio/instinto para que seu ensinamento seja impregnado de si mesmo, nunca neutro. Sendo assim e tendo em vista que desejamos acolher as principais correntes artísticas de nossa época, parece ser indispensável que vários tipos de ensino coabitem. Não se tem que reduzir as dificuldades que apresentam esta grande variedade a uma questão de ocupação do tempo e de divisão de espaços físicos.

Há professores que se mostram pouco interessados pelo trabalho que os colegas fazem. O que é uma pena, pois é sempre importante se assistir às provas feitas pelos outros professores. A dificuldade seria então de levá-los à curiosidade, a se interrogarem e a questionarem os outros docentes. É mais do que importante que cada um desses educadores tenha conhecimento do trabalho efetuado nos outros cursos, notadamente nos cursos técnicos e que eles possam assistir aos espetáculos montados pelos alunos fora do curso.

Isto tudo parece óbvio, mas exige do professor mais tempo ainda do que ele deve dedicar à faculdade. Há ainda um outro grande problema, pois todos sabemos que cada educador de nossa faculdade assume também outra profissão no seu dia-a-dia, na maioria dos casos essa outra profissão é o seu *metier* principal além de suas funções de diretor ou de ator dentro do mercado de trabalho teatral de Brasília. Não temos mais mestres, além de Dulcina de Moraes. Mestres na concepção renascentista italiana do termo, aquele que faz uma obra e a continua com seus discípulos. O francês Pierre Vial nos fala em exigir do imaginário e recorrer ao concreto. O ensino de teatro no Brasil mais do que nunca precisa exigir do imaginário e recorrer ao concreto. A exigência do imaginário toma forma de invenção pura e de simples fusão da imaginação com a lógica, dentro de um diálogo improvisado ou desenvolvido a partir de amostras dadas aos alunos. Chamamos isso também de laboratórios de teatro.

Assim também estaremos fazendo uma ficção suplementar, dentro de um esquema de trama dramática existente, para que possamos centrar e delimitar as ações concretas, que agem no coração do movimento dramático. Mas exigir do imaginário é também situar os elementos da ficção proposta pelo dramaturgo, dentro de um vasto universo de representações e em reação a um enorme espaço de referências. É por aí que se convida o aluno-ator a mergulhar no repertório de elementos significativos travestidos, dentro dos numerosos domínios da produção artística. O ensinamento de teatro então evidencia ao aluno-ator a existência do espaço imaginário e do espaço coletivo das representações, temperado pelo espaço simbólico íntimo de cada um e pelo qual o aluno se acha diretamente ligado à ficção proposta, instrumentos pois para aperfeiçoar seu jogo, sua atuação, seu senso de *to play*.

O "recorrer ao concreto" vem a ser utilizar os conjuntos de estereótipos e de tipologias bem precisas como os quadri-nhos, os melodramas, as novelas, os bang-bangs, os filmes de guerra e etc como diferentes formas de adesão do grande público, as novelas então nem se fala, e que oferecem os elementos da linguagem e da linguística que predominam na nossa década. Esses elementos da linguagem viram símbolos e são sempre compostos por objetos físicos e corporais. Eles viram matéria de base a ser corrigida e usada. Sendo assim, o ensino de teatro conseguirá obter que as frases e os diferentes elementos do texto só sejam ditos quando perfeitamente limpos, e embutidos dentro de situações físicas, com gestos próprios a serem executados, com cenários a serem utilizados, com deslocamentos e marcas a serem feitos. E através disso tudo, o aluno-ator interpretará um texto em cena, praticando, atuando, gerúndios eminentemente teatrais.

Porém esses ensinamentos de Pierre Vial e de Patrice Lussaud são mais frágeis do que a nossa realidade e o Dulcina começará segunda-feira seu semestre com essa mágoa. Em tempo: na segunda-feira, dia 20, nossa secretária de Cultura, Laís Aderne, falará às 20 horas, no Teatro Dulcina sobre *O homem e a arte no tempo e no espaço*, realizando a aula inaugural da Faculdade de Artes.